

SAÚDE MENTAL

Desafios da Prevenção, Diagnóstico, Tratamento e Cuidado na Sociedade Moderna

Edição XXVIII

Capítulo 7

RISCO DO USO DE MEDICAMENTOS COM OBJETIVO DE AUMENTAR O DESEMPENHO ESTUDANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

ARIANE CHAVES REZENDE¹
BRUNA CANOVA GRANDO¹
CAMILLE QUEIROZ CERRADES¹
DIEGO MOREIRA KNOBLOCH¹
FELIPE MUNIZ FERREIRA¹
GUILHERME JOSÉ COFRÉ MATEUS¹
KAROLINA KAORI UCHIDA¹
MARCOS ALVES BRENGA FILHO¹
RAFAEL POLI D'AGOSTINO¹

¹Discente – Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Palavras-Chave: Desempenho; Acadêmico; Psicofármacos.

DOI:

10.59290/3520220292

EP EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

A busca por um desempenho acadêmico superior tem se intensificado entre estudantes, sobretudo aqueles inseridos em cursos de alta exigência, como Medicina. Tal realidade está frequentemente associada a longas jornadas de estudo, elevada pressão por resultados e expectativas pessoais e sociais. Em meio a esse cenário, observa-se um crescimento no uso de medicamentos psicoestimulantes com a finalidade de aumentar a capacidade de concentração, prolongar o estado de alerta e, consequentemente, aprimorar o rendimento intelectual. Embora a utilização desses fármacos seja justificada em casos clínicos específicos, o uso indiscriminado ou sem prescrição médica levanta questões éticas, de segurança e de responsabilidade profissional, especialmente para futuros médicos.

No Brasil, diversos estudos evidenciam a prevalência significativa do uso não prescrito de medicamentos como o metilfenidato entre estudantes, notadamente em cursos da área da saúde. Em instituições de Minas Gerais, aproximadamente 21% dos alunos relataram o uso de psicoestimulantes, sendo o metilfenidato o mais comum, frequentemente adquirido sem indicação médica. Além disso, pesquisas realizadas em faculdades de Medicina identificaram taxas de uso indiscriminado que variam entre 20% e 28% entre os acadêmicos, destacando uma tendência de aumento ao longo do curso.

A relevância do tema transcende o âmbito acadêmico e atinge importantes esferas do desenvolvimento profissional e pessoal do estudante de Medicina. É fundamental que o futuro médico compreenda não só os mecanismos farmacológicos envolvidos no uso de estimulantes, mas também os riscos associados ao uso inadequado, incluindo efeitos adversos cardiovasculares e neuropsiquiátricos, dependência química e impactos negativos na saúde física e

mental. A reflexão crítica acerca de práticas de automedicação e pressões sociais no meio acadêmico contribui para a formação de profissionais mais conscientes, éticos e capacitados para orientar pacientes em situações semelhantes.

Este relato de experiência objetiva compartilhar vivências e reflexões pessoais acerca dos riscos associados ao uso de medicamentos com a finalidade de melhorar o desempenho estudantil. A discussão será fundamentada em evidências epidemiológicas pertinentes ao contexto brasileiro, além de articular os aspectos sociais, acadêmicos e profissionais envolvidos. A abordagem crítica e bem-fundamentada desse tema pode promover maior conscientização sobre o uso racional de medicamentos e fortalecer práticas de autocuidado entre estudantes e profissionais de saúde.

MÉTODO

O presente relato de experiência foi desenvolvido por graduandos de medicina, envolvendo estudantes universitários de diferentes cursos, com idade entre 19 e 30 anos. A vivência ocorreu de forma digital, utilizando um formulário online elaborado pelos autores. O instrumento continha perguntas abertas e fechadas relacionadas ao uso de psicoestimulantes, incluindo: tipo de medicamento utilizado, motivo inicial para o uso, percepção de melhora no desempenho, principais benefícios relatados, dificuldades e efeitos adversos, conhecimento dos riscos e receio quanto ao desenvolvimento de dependência.

A divulgação do formulário aconteceu por meio de redes sociais e contato direto com estudantes, permitindo participação espontânea e anônima. A coleta foi realizada no período de 04 a 10 de dezembro de 2025. As respostas foram organizadas e analisadas de forma descritiva, buscando compreender os motivos que levam ao uso dessas substâncias e o nível de

consciência dos participantes sobre os possíveis riscos envolvidos.

Durante todo o processo, buscou-se promover reflexão e conscientização entre os estudantes, reforçando a importância do uso responsável de medicamentos e destacando os riscos associados ao uso inadequado de psicoestimulantes para aumento de desempenho acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas obtidas por meio do formulário evidencia que, embora os participantes demonstrem conhecimento prévio acerca dos riscos associados ao uso de psicoestimulantes, a percepção dos benefícios relatados tende a se sobrepor às preocupações relacionadas aos efeitos adversos e ao potencial de dependência. Esse achado reflete um padrão já descrito na literatura, no qual o uso dessas substâncias é frequentemente justificado pela busca por maior desempenho acadêmico, sobretudo em contextos de elevada exigência cognitiva e competitividade, como observado no ensino superior e, de forma mais marcante, nos cursos da área da saúde.

Observou-se predominância de estudantes do curso de Medicina entre os participantes, o que pode estar relacionado à intensa carga horária, à pressão por alto rendimento e à cultura de produtividade presente nesse ambiente acadêmico. Estudos prévios apontam que estudantes de Medicina apresentam maior prevalência de uso não prescrito de psicoestimulantes quando comparados a outros cursos, possivelmente em razão da naturalização do uso de medicamentos e do fácil acesso à informação farmacológica, ainda que muitas vezes de forma incompleta ou superficial.

No que diz respeito às substâncias utilizadas, o metilfenidato (Ritalina®) foi o medicamento mais frequentemente citado, seguido da lisdexanfetamina (Venvanse®). Embora parte

dos participantes tenha relatado o uso com prescrição médica para tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a maioria dos motivos apontados esteve relacionada à melhora da concentração, aumento da produtividade e prolongamento do tempo de estudo, caracterizando um padrão de uso voltado à potencialização do desempenho acadêmico, muitas vezes desvinculado de uma indicação clínica formal.

O fato de todos os participantes relatarem melhora percebida com o uso dos psicoestimulantes constitui um dado relevante e preocupante, pois pode contribuir diretamente para a manutenção e continuidade do consumo, mesmo diante de efeitos adversos relatados. Entre os principais benefícios citados destacaram-se aumento da concentração, melhora do foco, maior disposição e produtividade, efeitos condizentes com a ação farmacológica dessas substâncias. Em contrapartida, foram descritos efeitos adversos como insônia, cefaleia, taquicardia, irritabilidade, diminuição do apetite e maior sensibilidade a estímulos externos, sintomas amplamente descritos na literatura e que podem impactar negativamente a saúde física e mental a médio e longo prazo.

Destaca-se, ainda, o relato de piora cognitiva e cansaço extremo na ausência do medicamento, o que sugere a possibilidade de dependência funcional, caracterizada pela necessidade subjetiva da substância para manutenção do desempenho habitual. Esse fenômeno é especialmente relevante no contexto acadêmico, pois pode levar à perda da autonomia cognitiva, ao uso progressivo das substâncias e ao desenvolvimento de padrões de consumo cada vez mais frequentes, mesmo na ausência de indicação terapêutica.

Outro aspecto importante observado foi o fato de a maioria dos participantes relatar não ter medo de desenvolver dependência ou de

manter o uso contínuo. Tal percepção pode indicar uma subestimação dos riscos associados aos psicoestimulantes e estar relacionada à normalização do uso dessas substâncias no ambiente universitário. Essa banalização é preocupante, sobretudo entre futuros profissionais de saúde, que futuramente atuarão como prescritores e orientadores de pacientes quanto ao uso racional de medicamentos.

Em síntese, os resultados apontam para um padrão de uso de psicoestimulantes predominantemente motivado pela busca por melhor desempenho acadêmico, associado à percepção positiva dos efeitos imediatos, à minimização dos riscos e à presença de sinais sugestivos de dependência funcional. Esses achados reforçam a necessidade de ampliar a discussão sobre o uso inadequado de psicoestimulantes no meio universitário, especialmente na formação médica, incentivando práticas de autocuidado, estratégias saudáveis de estudo e maior conscientização sobre os impactos do uso indiscriminado de medicamentos.

CONCLUSÃO

Logo, o presente relato de experiência evidencia risco do uso de medicamentos com objetivo de aumentar o desempenho estudantil. A pesquisa realizada mostrou uma predominância

do uso de medicamentos psicoestimulantes principalmente de estudantes de medicina, com intuito de melhor rendimento acadêmico. Esta situação ocorre decorrente da percepção dos participantes de benefícios como aumento do foco, concentração e produtividade, que prevalecem em comparação aos possíveis riscos e efeitos adversos como insônia, cefaleia, aceleração cardíaca, irritabilidade, queda de apetite e maior sensibilidade á estímulos, reforçando a continuidade do consumo.

A presença de relatos de “piora cognitiva” e “cansaço extremo” na ausência do medicamento sugere uma possível dependência funcional, necessitando atenção no contexto clínico. Ademais, a ausência de preocupação com a dependência ou uso prolongado, contribui para uma discussão sobre o consumo de psicoestimulantes no ambiente acadêmico reforçando a importância da educação em saúde.

Diante desse cenário, torna-se fundamental a elaboração de estratégias educacionais que promovam a conscientização sobre uso de psicoestimulantes de modo a realizar um manejo adequado dos medicamentos controlados e práticas seguras. Assim, permite evitar a presença de efeitos adversos danosos para o cotidiano e a dependência funcional do uso dos medicamentos, promovendo uma melhora da saúde dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTA MSM. Prevalência do uso de metilfenidato entre estudantes de Medicina. Acta MSM, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: https://revista.souzamarques.br/index.php/ACTA_MSM/article/view/469. Acesso em: 15 dez. 2025.

CARLÚCIO, C. P.; PRIMO, C. C.; *et al.* O uso não prescrito de metilfenidato no âmbito acadêmico. Revista Educação em Saúde, v. 2, n. 1, p. 45–52, 2014. DOI: <https://doi.org/10.14393/RES-v2n1-2014-5>.

CARNEIRO, R.; *et al.* Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, n. 2, p. 1–12, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222020>.

MOREIRA, M.; *et al.* Adverse events and safety concerns among university students who misused stimulants to increase academic performance. Einstein (São Paulo), v. 22, n. 1, p. 1–9, 2024. DOI: https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2024AO0895.